



ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

A nuncia-se oficialmente para fins de Outubro a visita de Kurt Kiesinger, actual chanceler da Alemanha Ocidental, antigo colaborador de Hitler, no ministério da Propaganda.

Kiesinger vem a Portugal para reforçar o grau de dependência económica em relação ao imperialismo alemão, para ligar ainda mais o nosso País à política agressiva e expansionista dos governantes de Bonn, para consolidar e alargar as bases militares alemãs em território nacional, quer no quadro da NATO, quer no quadro da colaboração militar entre os dois países e de que a base aérea de Beja é uma comprovação. Kiesinger vem discutir com o governo fascista português novas formas de auxílio da Alemanha Ocidental à guerra colonial. Kiesinger vai ser condecorado doutor «honoris causa» pela Universidade de Coimbra.

Os objectivos desta visita são contrários aos interesses nacionais e à causa da paz. Abaixo a cooperação entre o fascismo português e os círculos militaristas e revanchistas da Alemanha Ocidental!

MORREU O CAMARADA MANUEL RODRIGUES DA SILVA

O Partido Comunista Português acaba de sofrer um duro golpe. A 22 de Julho faleceu na União Soviética o camarada Manuel Rodrigues da Silva, membro do Secretariado do Comité Central, infatigável lutador da causa da classe operária e do socialismo. Ele empenhou-se com o seu ardor de proletário a alargar e consolidar a influência do Partido, a reforçar a sua unidade e a coesão do movimento comunista mundial, a defender os princípios do marxismo-leninismo.

A vida do camarada Manuel Rodrigues da Silva é um elevado exemplo de coerência, de firmeza ideológica, de modéstia, de abnegação sem limites, de grandeza moral.

Aos 13 anos cruzou os portões da fábrica da Manutenção Militar para iniciar a sua vida de explorado. Operário metalúrgico, o camarada Manuel Rodrigues da Silva escolheu, muito jovem ainda, o caminho da luta. Tornou-se dirigente do seu sindicato e posteriormente foi eleito secretário da Comissão Regional Sindical do Centro e nessa qualidade ascendeu à direcção da Comissão Inter-Sindical, a central sindical aderente então à Internacional Sindical Vermelha.

Em 1933 aderiu ao Partido Comunista Português. As suas qualidades de militante, a sua capacidade política elevaram-no, dois anos depois, a membro do Comité Central. Em 1936, num momento difícil da vida do Partido, foi chamado ao secretariado do Comité Central, mas nesse mesmo ano a polícia prendia-o.

Uma nova fase se abriu, que pôs à prova o seu devotamento exemplar à causa dos trabalhadores. Supliciado em noites consecutivas pela polícia política salazarista, mantido incomunicável durante meses, enviado sem julgamento para o campo da morte lenta do Tarrafal onde permaneceu durante 9 anos, o camarada Manuel Rodrigues da Silva suportou todos os momentos difíceis com coragem e confiança, fiel ao seu Partido e à sua classe, ante um inimigo cuja brutalidade de processos encontrou a inflexível resistência da sua dedicação e da sua certeza na causa do socialismo.

A fidelidade ao seu Partido, o devotamento à classe operária enchem a vida do camarada Manuel Rodrigues da Silva.

Em 1945, ao regressar do Campo da Morte Lenta do Tarrafal volta de novo à luta, nas difíceis condições da clandestinidade. No IV Congresso do Partido em 1946 é eleito para o Comité Central. Até ao momento da sua prisão, em 1949,

o camarada Manuel Rodrigues da Silva participa activamente na preparação e desencadeamento das lutas da classe operária, das greves de 1947 e da campanha eleitoral de 1949, que havia de transformar-se num largo movimento de massas contra o fascismo. Como dirigente da Comissão Nacional Sindical, liga a sua acção aos sucessos obtidos pelos trabalhadores nas diversas lutas sindicais.

Diante do tribunal fascista que o julgou, em 1950, o camarada Manuel Rodrigues da Silva fez uma corajosa defesa do Partido Comunista, dos seus objectivos, das suas tradições de luta, da sua ligação com a classe operária e o povo. Foi um acusador dos crimes e da política do fascismo.

«Hoje sóis vós os julgadores — disse ele — mas não vem longe o dia em que será o povo de um Portugal livre quem julgará».

O tribunal fascista condenou-o a 8 anos de prisão, mas o camarada Manuel Rodrigues da Silva havia de permanecer 14 anos nos cárceres salazaristas, numa tentativa premeditada para lhe liquidar a saúde, para o impossibilitar de volver ao seu posto de combate, nas fileiras do Partido.

Se um tal objectivo não pôde ser totalmente realizado foi, pelo menos, parcialmente cumprido. O camarada Manuel Rodrigues da Silva esteve gravemente doente na fortaleza de Peniche. Salvou-o então da morte a ampla campanha nacional e internacional que se desen-

volveu em seu favor e que forçou os governantes fascistas a libertá-lo em 1964.

Com a saúde irremediavelmente arruinada por 23 anos de prisão, o camarada Manuel Rodrigues da Silva morreu prematuramente, como resultado dos processos de morte lenta, dos métodos de torturas, dos maus tratos, das violências do fascismo contra os comunistas e outros combatentes de vanguarda.

Aos 59 anos de idade, o camarada Manuel Rodrigues da Silva fechava para sempre os olhos na União Soviética, nesse País que ele amou com a entranhada convicção do que representava a sua existência para a classe operária portuguesa, para os trabalhadores do mundo (continua na pág. 4)

Greves — Paralisações — Concentrações

Os trabalhadores preparam a ofensiva

NO DIA 1 DE JULHO, 10.000 TRABALHADORES EM GREVE

Foi a greve que deu a vitória aos trabalhadores da Carris

Quando no dia 1 de Julho, ao iniciarem a greve de braços caídos, os condutores dos «eléctricos» e autocarros depuseram colectivamente as sacolas da cobrança e cobriram estas com a bandeira nacional, assinavam, com este gesto simbólico, o carácter da sua luta. Esta não era apenas uma justa luta por aumento de salários. Era também uma luta contra os monopolistas ingleses, era também uma luta anti-imperialista, eminentemente nacional. E pelo desenvolvimento que tomou, pelos aspectos políticos de que se revestiu não podia deixar de ser também uma luta contra o governo fascista, serventário do imperialismo estrangeiro.

7.000 TRABALHADORES EM LUTA

A «manifestação espontânea» a Salazar e o alarde que dela fez a imprensa orquestrada não podem esconder a realidade: foi a luta firme, consequente e corajosa dos trabalhadores da Carris, foi a sua unidade, fortalecida pela organização, coordenação e direcção da luta, ajustadas às circunstâncias, que impuseram ao governo fascista e aos monopolistas ingleses, o aumento imediato de 20%00 diários.

Os 7.000 trabalhadores da Carris formaram um só bloco e venceram. A luta foi geral. Abarcou o pessoal do tráfego, estendeu-se aos

depósitos de material e às oficinas. As concentrações em Santo Amaro de milhares de trabalhadores transformaram-se em manifestações de rua, violentamente dispersas pelas forças repressivas, que utilizaram cães polícias, conduzidos por polícias cães. Condutores e guarda-freios reduziram a velocidade normal dos «eléctricos» e autocarros, recusaram-se a fazer horas extraordinárias.

A 1 de Julho os trabalhadores da Carris deram início à greve de braços caídos que se prolongou pelos (continua na pág. 2)

As greves vitoriosas dos trabalhadores da Carris de Lisboa, dos pescadores de Matosinhos e da Costa Norte, das conserveiras do algarve e de Setúbal; a greve dos operários agrícolas de Alpiarça no 1º de Maio; as paralisações dos trabalhadores da Fábrica Nicola do Barreiro, da Fábrica Covina, na Póvoa de Santa Iria; as concentrações na fábrica de papel de Oeiras, Sociedade Estoril e outras empresas, são uma demonstração do profundo descontentamento que lavra entre as massas trabalhadoras, uma prova valiosa da sua capacidade de luta, da sua unidade, espírito de iniciativa e firmeza, da sua consciência de classe; são a comprovação da análise do Partido Comunista Português sobre a situação política nacional, sobre as perspectivas de novas e mais potentes lutas da classe operária contra a exploração capitalista e o fascismo.

É tarefa urgente dos comunistas e dos operários de vanguarda, a organização e desencadeamento de importantes acções reivindicativas, de concentrações, paralisações e greves, de poderosas manifestações de rua, que tragam um novo impulso à luta geral das massas populares e das forças democráticas contra a ditadura fascista e pela conquista da liberdade política.

O caminho das lutas de massas é o caminho para o derrubamento da ditadura

As últimas greves e paralisações, que abarcaram cerca de 30.000 trabalhadores, marcam um ascenso nas lutas de massas. Provam como as lutas por aumento de salários se transformam rapidamente em lutas políticas, em batalhas frontais contra a ditadura.

A combatividade, firmeza, espírito de decisão e de luta foram um factor decisivo, presente no decurso das recentes batalhas reivindicativas.

A unidade dos trabalhadores foi outro factor essencial dos êxitos alcançados e o traço comum da luta das conserveiras, dos operários da Carris, dos pescadores de Matosinhos, das operárias da Fábrica Nicola, dos trabalhadores da Covina.

A unidade manteve-se não somente em cada empresa, mas estendeu-se a outras fábricas e localidades, fundamentando o desenvolvimento da luta e a sua passagem a formas superiores.

A capacidade de organização dos trabalhadores foi um factor de grande importância, que convém salientar e ter presente. Essa capacidade de organização manifestou-se de modo evidente na coordenação e orientação da luta da Carris, cujas características específicas exigem uma atenção particular e formas apropriadas e eficientes, que permitam elevar a luta ao nível de um movimento generalizado e de tipo superior, como foi a recente greve.

Essa capacidade de organização dos trabalhadores manifestou-se igualmente na greve dos pescadores de Matosinhos e de outros portos da Costa Norte, e nas greves e manifestações de rua das operárias conserveiras do Algarve e de Setúbal.

A consciência de classe dos trabalhadores em greve marchou paralelamente ao seu espírito de iniciativa. Estes dois factores manifestaram-se na resistência às manobras de divisão e de intimidação do patronato e das autoridades fascistas, na passagem das concentrações à greve e às manifestações de rua, na capacidade de direcção e na sua firmeza, que caracterizaram, de modo mais relevante, as lutas dos trabalhadores da Carris, das conserveiras e dos pescadores de Matosinhos.

A capacidade de luta, a unidade, o espírito de iniciativa, a firmeza e organização das últimas batalhas reivindicativas atingem o grau de desenvolvimento precursor de grandes lutas da classe operária. As condições objectivas favorecem o desencadeamento de novas e mais potentes acções de massas.

É uma tarefa premente do Partido do proletariado a organização, intensificação, coordenação e alargamento das lutas reivindicativas dos trabalhadores da cidade e do campo, da sua passagem a formas superiores.

O caminho das lutas de massas é o caminho da luta pelo derrubamento do fascismo, é o caminho das grandes acções que elevam a combatividade e a experiência da classe operária e dos seus aliados, que permitem desenvolver a luta em várias frentes que, reforçam a organização dos trabalhadores, criando verdadeiros órgãos de direcção da luta legal e ilegal, da luta pacífica e tempestuosa, da luta revolucionária das massas, que enfraquecem o inimigo, que contribuem para o reforçamento da unidade das forças democráticas, que educam as massas e as conduzem ao levantamento nacional armado, à fase insurreccional decisiva para o derrubamento do fascismo.

CONTRA O AUMENTO DA EXPLORAÇÃO UNIDADE ACTIVA DOS TRABALHADORES

Quando não encontra diante de si a unidade combativa da classe operária e de todos os trabalhadores, a exploração capitalista não conhece limites.

Na Robialac (Sacavém), a pretexto de aumentar a produtividade e a segurança no trabalho, os donos desta empresa têm tido ao seu serviço um «chefe de produção» cuja função é levar ao extremo a exploração dos trabalhadores.

Se é certo que algumas medidas demagógicas puderam convencer momentaneamente alguns operários de que se procura aumentar a segurança no trabalho, a verdade é que muitos trabalhadores não tardaram a aperceber-se de que a presença vigilante do tal «chefe de produção» só pode produzir efeito contrário. Com efeito, aumentando os ritmos de trabalho e, consequentemente, a exploração dos trabalhadores, estes sofrem um desgaste físico muito maior. Sendo o cansaço uma das principais causas que maior número de acidentes de trabalho provocam, quaisquer outras medidas que se tomem pretendendo ignorá-lo não podem trazer nenhum verdadeiro benefício aos trabalhadores.

Na Fábrica de Louça de Sacavém, mantêm-se as tradições de exploração brutal dos potentados ingleses desta empresa. Na secção de desenhamento (uma das secções onde o trabalho é mais violento), os operários com baixa foram substituídos por mulheres que, por sua vez, não tardaram a ter baixa também. Com grande espanto de todo o pessoal, uma operária foi posta a desenhonar, realizando o trabalho de 2 homens. Ao cabo de uma semana, esta operária abandonava este trabalho exaustivo, despedindo-se. Ao chefe da secção do

pessoal, que insistia em descontar-lhe 90\$00 no salário e se recusava a atender as suas justas reclamações, a operária respondeu, num grito de indignação e revolta: «ponha lá a sua mulher ou a sua filha». Mas ao seu protesto não se juntou, como se impunha, o dos companheiros.

Se existisse uma firme unidade de todos os trabalhadores nesta empresa, seria muito mais difícil ao patronato utilizar tão escandalosas formas de exploração, por mais que as batisasse de «experiências» e que procurasse convencer que «os dedos das mulheres são mais dotados para a tarefa». Se os capitalistas Ingleses da fábrica de Louça de Sacavém não tivessem que enfrentar apenas o protesto isolado de uma operária, mas o de todos os trabalhadores unidos, seriam forçados a recuar.

Na CAVAN, em Santa Iria da Azóia, os operários reclamam aumento de salário. Como verdadeiro leão do patronato, o encarregado geral Laranjeira tenta deter a acção dos trabalhadores com lamúrias infundáveis sobre o que ele chama «dificuldades» na empresa. Impõe-se que os trabalhadores desmascarem tais patranhas, insinuando unidos e firmemente, pelo aumento de salários reclamado.

Na C.P., os salários de miséria e as longas jornadas de trabalho são motivos de grande descontentamento dos ferroviários. Há estações em que se trabalha 12 horas, sem qualquer aumento de remuneração. Na linha da Beira Alta, por exemplo, chega a haver horários de 14 horas!

Explorando desenfreadamente os trabalhadores, a direcção da CP só lhes paga as horas extraordinárias a partir destes horários, mas apenas com 25% de aumento. Além do aumento de salários, a jornada de 8 horas de trabalho e as horas extraordinárias pagas a dobrar são justas aspirações dos ferroviários neste momento.

Ferrovários! Avante com acções firmes e unidas junto da direcção de CP e dos Sindicatos, com audácia e determinação, tal como os vossos colegas da Carris de Lisboa, para que sejam satisfeitas as vossas reivindicações!

Trabalhadores! Fortalecei a vossa unidade discutindo em conjunto os vossos problemas!

Organizai as vossas comissões de unidade, apoiando-as, ampla e tenazmente, na defesa dos vossos interesses e pela conquista dos vossos direitos!

Foi a greve que deu a vitória aos trabalhadores da Carris

(continuação da pág. 1)
dias 2 e 3, passando deste modo a uma fase superior de luta.

Tentaram ocupar os depósitos de material, onde foram violentamente desalojados pelas forças repressivas. Nas oficinas os trabalhadores recusaram-se a efectuar qualquer

trabalho, que não fosse de simples reparação de veículos em serviço.

Duzentas mulheres juntaram-se a uma das concentrações de trabalhadores junto de um dos depósitos de material e gritavam à G.N.R.: «estemos aqui para que os nossos maridos não sejam presos!»

REPERCUSSÃO NACIONAL

E INTERNACIONAL DA LUTA DA CARRIS

A luta dos trabalhadores da Carris de Lisboa propalou-se rapidamente a todo o País e além fronteiras e encontrou o apoio e a solidariedade dos trabalhadores.

Em Matosinhos os pescadores em luta diziam: «NÃO ESTAMOS SÓS. OS TRABALHADORES DA CARRIS TAMBÉM FAZEM GREVE».

No estrangeiro a notícia correu veloz. A UNIÃO INTERNACIONAL DOS TRABALHADORES DOS TRANSPORTES, que engloba 14 milhões de filiados, aderente à Federação Sindical Mundial, enviou aos trabalhadores da Carris um telegrama de solidariedade e de aplauso.

A greve dos trabalhadores da Carris provocou uma vaga de entusiasmo e de apoio do povo de Lisboa, da classe operária de muitas empresas, não somente na capital, mas na Margem Sul e no Ribatejo.

O GOVERNO E A CARRIS TIVERAM MEDO E RECUARAM

A greve da Carris feriu em cheio os monopolistas ingleses, ameaçou transformar-se num movimento mais largo. A Carris e o governo tiveram medo e recuaram. Mas antes, tudo fizeram para quebrar o movimento, pela violência e o terror. Os

eléctricos e autocarros foram ocupados por forças da polícia, para forçarem os condutores e guardas-freios a abandonarem a greve da cobrança de bilhetes.

Salazar não pode deixar de classificar de «incidente desagradável», o que se

passou. E no momento da «manifestação espontânea» afirmou com a sua hipocrisia habitual: «o que desejamos é que empregados e empresas se entendam através dos seus representantes». Os seus representantes, são, na linguagem e nos desejos do ditador, os dirigentes sindicais prontos a curvar a espinha ao serviço dos monopólios.

O lobo vestiu-se de cordeiro e usou falas mansas, depois da corajosa luta dos trabalhadores da Carris.

TRABALHADORES DA CARRIS! HÁ AINDA OUTRAS REIVINDICAÇÕES A CONQUISTAR!

Foi alcançada uma importante vitória, com a conquista de aumento de salários, mas há ainda outras batalhas a ganhar: a jornada de 7 horas, o pagamento do dia de folga e do 13º mês, o subsídio de férias, o contrato colectivo que não está ainda elaborado. Os trabalhadores da Carris desconhecem o seu conteúdo.

É preciso que o contrato colectivo contenha as reivindicações

ris. Teve medo que a continuação da greve provocasse novas lutas noutros sectores de trabalho. Teve medo da firmeza e da unidade dos trabalhadores.

A manifestação a Salazar foi uma ridícula comédia organizada para apagar os efeitos da repressão e esconder o recuo da Carris e do Governo, e para fazer passar este, aos olhos dos trabalhadores, por defensor dos seus interesses, quando não passa de seu algoz.

mais sentidas dos trabalhadores. Exigi a sua discussão e aprovação! Reclamai a realização de assembleias gerais nos sindicatos respectivos, para que vos seja dado conhecimento das cláusulas do contrato. Para que este seja elaborado segundo os vossos interesses e não segundo a vontade dos monopolistas ingleses e do governo que os defende.

Organizai novas lutas! Conquistareis novas vitórias!



PELA CONQUISTA DE MELHORES SALÁRIOS MILHARES DE CONSERVEIRAS EM GREVE

Não foi de centenas, mas milhares, o número de operárias conserveiras em greve. Não pararam apenas as fábricas de Olhão. Durante 15 dias não compareceram ao trabalho as operárias de Portimão e de Vila Real de Santo António.

As operárias conserveiras de Setúbal entraram também em greve. A cólera das trabalhadoras transbordou. A recusa dos industriais em satisfazer o pedido de aumento de salários provocou este poderoso movimento de massas.

A greve passou das fábricas para a rua. Houve manifestações de centenas de operárias em Olhão. Muitos pescadores fizeram causa comum com as conserveiras, participaram nas manifestações de rua. Foram espancadas operárias, mas alguns esbirros policiais receberam uma resposta condigna. O enterro do empregado da SAPP transfor-

mou-se numa grande manifestação de protesto dos trabalhadores de Olhão. Forças da GNR e da PSP cercaram as fábricas de Olhão, Portimão e Vila Real de Santo António. A repressão tomou igualmente sobre as conserveiras de Setúbal. Foram presas 100 operárias, mas a PIDE viu-se forçada a libertá-las.

A acção das forças repressivas, o ambiente de terror que se estabeleceu nos centros conserveiros em luta não quebrou a unidade e a coragem das trabalhadoras.

Após 4 dias de greve, as conserveiras de Setúbal conseguiram im-

por novos salários. Em vez de 3\$60 a hora passaram a ganhar 5\$00. O caminho da luta é o caminho da vitória.

Embora no Algarve a greve das conserveiras não tenha obtido imediatamente um resultado positivo, forçou os industriais a uma reunião de urgência para considerarem o pedido de aumento de salários.

A greve das conserveiras foi um movimento de grande importância, cuja experiência enriquece a luta da classe operária. A unidade e firmeza que nela se manifestaram, devem animar também as conservei-

ras de Matosinhos na luta pela conquista de melhores salários, pela satisfação das suas reivindicações. A sua acção neste momento pode ser decisiva.

Conserveiras do Algarve! Voltai à luta se os industriais não cumprirem a promessa de vos aumentarem os salários!

Conserveiras de Matosinhos! Organizai-vos quanto antes e entrad na luta com a mesma decisão, coragem, espírito de iniciativa e unidade que revelaram as vossas camaradas de Olhão, Portimão, Vila Real de Santo António e Setúbal!

As greves dos pescadores de Matosinhos ABRIRAM O CAMINHO para a conquista de novas reivindicações

A nova greve de 1 e 2 de Julho dos pescadores de Matosinhos, a que o «AVANTE!» se referiu no seu último número, foi uma afirmação de unidade, de coragem, de firmeza, que permitiu a satisfação da reivindicação apresentada: o pagamento de \$50 por cada cabaz de peixe descarregado, em vez dos \$30 propostos pelos armadores.

Nem as forças da PSP, da Polícia Marítima e da Guarda Fiscal que às primeiras horas da manhã do dia 1 invadiram o cais, nem o ambiente de terror e intimidação que a PIDE procurou criar, sob o comando directo de Porto Duarte e de Diogo Alves, quebraram a combatividade e união dos pescadores em greve.

quinzel: 30\$00 de salário diário, quando vão para o mar (antes tinham 10\$00); 7\$50 quando não vão ao mar (antes 5\$00); 50\$00 por dia, quando atracam em porto estrangeiro (antes tinham 20\$00).

A RECONQUISTA DA CALDEIRADA OBJECTIVO IMEDIATO A ALCANÇAR

A nova matrícula rompeu brutalmente com uma tradição há muito arraigada entre os pescadores da sardinha: a caldeirada de peixe. Criou-se uma situação que revolta todos os pescadores: eles que pescam têm de comprar peixe.

A reconquista da caldeirada de peixe deve tornar-se neste momento o objectivo imediato da luta dos pescadores.

Há que ir em massa à capitania, à casa dos pescadores, ao Grémio e gritar:

QUEREMOS O NOSSO PEIXE!

Há que combinar as coisas para que todos, mas todos, passem a trazer peixe, a mesma quantidade de peixe. Se todos o fizerem não há controle nem repressão que resistam, pois não poderão prender e multar todos os pescadores.

Há que entrar em contacto com os pescadores da Costa Sul, para unificarem as suas reivindicações e coordenarem a luta.

Se os pescadores se organizarem e lutarem, desde já, pela reconquista da caldeirada de peixe e derem provas da mesma combatividade, união e firmeza, manifestadas nas últimas greves, sairão vencedores.

O «Avante!» não se destrói

Com o teu esforço, com o teu espírito de iniciativa, leva o «AVANTE!» a pessoas que estão privadas da sua leitura. Deixa-o num lugar onde possa ser encontrado por trabalhadores, envia-o pelo correio a um democrata ou a um amigo.

A PIDE tortura e assassina em Olhão

Quem está contra a exploração e a miséria, está com os trabalhadores explorados e apoia necessariamente a sua luta. Solidário com as conserveiras em greve, um empregado de vendas da SAPP exprimiou sem hesitação os seus sentimentos aos operários de uma fábrica de conservas que ainda não aderira à greve, incentivando-os a seguir o exemplo das suas companheiras de trabalho.

Por este motivo apenas, foi preso pela Pide e levado para os calabouços da PSP no dia seguinte. Não resistiu às torturas dos seus algozes. Os sinais de estrangulamento no corpo da vítima desmentiam acusatóriamente a hipócrita versão de suicídio que a Pide pretendera suplicar. O bando de facinoras da Pide, às ordens de Salazar e dos monopólios, estrangulou criminosamente esta vez.

O funeral do empregado de vendas da SAPP não foi apenas uma justificada manifestação de pesar. Gritando dramaticamente «Assassinos!», numa alusão directa aos agentes da Pide, muitas centenas de pessoas exprimiam simultaneamente a sua dor e revolta. O povo de Olhão condenava mais um crime do fascismo que os trabalhadores e o povo inteiro não poderão esquecer nem perdoar.

Liberdade para Afonso Gregório

É grave o estado de saúde de Afonso Gregório. Sofre de perturbações nervosas e psíquicas. A sua recuperação para a vida normal pode tornar-se impossível se não for posto rapidamente em liberdade. Esta é a opinião dos médicos especialistas. Entretanto a PIDE recusa-se a libertar Afonso Gregório, embora ele conte já 8 anos sucessivos de prisão. Protestemos contra o novo crime que está em curso. Exijamos a imediata libertação de Afonso Gregório. Intensifiquemos a luta contra as medidas de segurança.

A FIRME DECISÃO DE VENCER ANIMA OS PESCADORES

Quando na manhã do dia 1 as 120 traineiras acostaram à doca de Matosinhos, as respectivas companhias, num total de cerca de 3.000 homens, tinham tomado já a resolução de não descarregar e de não abandonar os barcos, enquanto lhes não fosse garantido o pagamento que reclamavam pela descarga de cada cabaz. E assim fizeram. Centenas de mulheres, acompanhadas dos filhos estacionavam no cais para apoiar a corajosa decisão dos pescadores.

Com as traineiras aportadas e ocupadas pelas companhias, um armador, pertencente à direcção do Grémio, subiu ao cais para ordenar à tripulação da sua traineira que descarregasse. Como resposta a tripulação fez soar a sirene do barco, no que foi imediatamente seguida pelas companhias das outras traineiras. O armador pôs-se em fuga. Dois mestres fizeram o mesmo.

CONTRA AS PRISÕES EM MASSA MANIFESTAM-SE 400 MULHERES DIANTE DA SEDE DA PIDE

Ao fim da tarde e durante a noite do dia 1 uma violenta vaga repressiva abateu-se sobre Matosinhos e Afurada. A PIDE efectuou dezenas de prisões: mestres, pescadores e várias mulheres. No dia 2 dizia-se que subia já a 200 o número de presos.

Nessa manhã, 400 mulheres acompanhadas de crianças, mani-

A VITÓRIA DOS PESCADORES

A unidade, coragem, espírito de luta e consciência dos seus direitos, de que deram provas os pescadores conduziram-nos à vitória. No dia 2, viram atendida a sua reivindica-

ção. Com prontidão e perfeita unidade, os pescadores repudiaram as propostas do comandante da capitania que lhes propunha a descarga do peixe a troco de três dias em terra, durante os quais teriam lugar negociações.

A mesma combatividade os animou quando responderam às ameaças dos armadores de trazerem gente de fora para a descarga do peixe: «se vierem serão recebidos à PANCADA. E NÃO HESITAREMOS EM DEITAR O PEIXE AO MAR».

Entretanto, crescia o movimento de apoio aos pescadores. No cais aumentava o número de mulheres. Nas fábricas de conservas de Matosinhos e entre os trabalhadores do Porto manifestava-se um ambiente de simpatia e solidariedade.

festaram-se diante da sede da PIDE exigindo em altos gritos a imediata libertação dos seus familiares.

Este corajoso movimento de protesto, bem como o apoio concedido à greve dos pescadores pelo povo de Matosinhos, Porto e outras localidades limítrofes, forçaram os agentes salazaristas a devolver à liberdade quase todos os presos.

O cabaz de peixe passou a ser pago a \$50 em vez de \$30.

A este importante sucesso juntam-se os êxitos obtidos pela greve de Abril-Maio, que foram os se-

MOMENTO POLÍTICO INTERNACIONAL

BALANÇO DAS ELEIÇÕES EM FRANÇA

As eleições de 23 e 30 de Junho representam sem dúvida uma vitória política do regime degaulista e das forças reacçãoárias.

Sabe-se que o sistema eleitoral não assegura a representação, no Parlamento, das várias formações políticas, de acordo com o número de votos que obtém. Sabe-se que estas eleições se desenvolveram num clima de intimidação.

Por um lado a ameaça aberta de De Gaulle, dum golpe militar das direitas, por outro lado o receio do «caos», da «desordem», da incerteza, agitados como espantalhos na

violenta campanha anticomunista do governo, exerceram decisiva influência nas classes e camadas médias. Entretanto, muita gente pergunta como foi possível tal resultado, depois do grandioso movimento de massas do mês de Maio.

A crise política de Maio-Junho em França merecerá um estudo aprofundado, por parte das organizações operárias e democráticas, análise que não poderá deixar de ser profundamente crítica e auto-crítica para dela se tirarem os devidos ensinamentos.

Que conclusões se podem tirar desde já?

Ao extraordinário movimento operário e popular do mês de Maio não foi dada pelas forças de esquerda uma perspectiva política correspondente à situação. As massas reclamavam sem dúvida a satisfação de reivindicações imediatas, mas todo o movimento punha directamente em causa o regime degaulista, dez anos de política do governo, a chamada V República, a própria estrutura da sociedade monopolista. Numa tal situação, não se apresentou às massas populares uma

clara perspectiva de acção política, um caminho para a derrota do poder gaullista, o que fazer para alcançar tal objectivo.

A situação nova criada pelo movimento de Maio, as forças de esquerda não responderam por palavras de ordem novas, em concordância com os novos problemas postos, antes se mantiveram dentro de esquemas de acção política traçados e definidos numa situação anterior de relativa calma social e de jogo parlamentar.

Hesitações oportunistas e aventureirismo

À unidade das massas não correspondeu a unidade das formações políticas de esquerda, antes se evidenciaram as hesitações de socialistas e radicais, o aventureirismo de grupos pequeno-burgueses e a incapacidade para cimentar na unidade das massas a unidade dos vários agrupamentos e correntes populares e democráticas.

O potencial revolucionário das massas populares e o seu espírito criador foram entravados pelo espírito de aparelho da maioria dos sectores da esquerda, que não souberam encontrar numa tão extraordinária vaga de fundo formas novas de inter-

venção das massas na vida política, de organização e de acção.

A violenta campanha anticomunista lançada por De Gaulle, que apontou o Partido Comunista francês como inimigo principal e ameaça com um golpe militar para fazer frente ao que chamou a «subversão comunista», campanha essa secundada (por motivos diferentes) pelo Partido Socialista Unificado e grupos esquerdistas, acentuou as hesitações da social-democracia, enfraqueceu a unidade das esquerdas e de certa forma isolou o mais forte partido da Oposição.

Outros factores de recuo

Estes factores deram ao poder gaullista e às forças reacçãoárias margem suficiente de manobra. A dissolução do Parlamento e a realização de eleições gerais poderiam ter sido uma reivindicação de esquerda. A falta de uma clara perspectiva política da esquerda permitiu que se tornassem uma manobra do poder.

Destes factores resultou também, inevitavelmente, uma certa decepção nas massas, a falta de entusiasmo e de crença num resultado eleitoral favorável, uma diminuição de confiança nas organizações da esquerda. Ao contrário, a descerada aliança dos centristas com o poder gaullista e as concessões de De Gaulle aos fascistas, conduziram a uma convergência nos candidatos degaulistas dos votos do centro e de toda a direita.

É certo que os trabalhadores conseguiram alcançar a satisfação de importantes

reivindicações imediatas, embora muitas delas (como aumentos de salários) possam vir a ser anuladas a curto prazo, por um processo inflacionista. É certo que a reforma universitária ficou na ordem do dia.

Estes resultados constituem um saldo positivo; mas são muito reduzidos em relação ao extraordinário movimento de massas do mês de Maio e não corresponderam às aspirações políticas então vigorosamente avançadas.

De momento, no imediato, as forças reacçãoárias terminam uma grande batalha consolidando-se no poder e reforçando, no plano constitucional, a legitimidade de prosseguirem a sua política.

A unidade de todas as forças reacçãoárias, conservadoras e fascistas coloca mesmo sérias ameaças à democracia francesa.

O movimento de Maio levantou a necessidade de reformas inadiáveis. As «reformas» que De Gaulle pretende realizar, a «participação» que foi deixada demagogicamente para responder às reclamações populares, serão certamente inspiradas no ideário de reforçar um regime reacçãoário e autoritário.

Num ambiente de intimidação semeado pelas forças repressivas e grupos de acção fascistas, beneficiando largamente da inquietação levantada nas classes médias pela desorientação anarquista de alguns sectores e das debilidades políticas, das hesitações e das divisões da esquerda, De Gaulle e a reacção francesa ganharam uma batalha eleitoral.

Os trabalhadores franceses têm um grande Partido Comunista

A crise política aberta com o movimento de Maio não fica, porém, resolvida com estas eleições. O poder dos monopólios, o governo De Gaulle, não podem solucionar os problemas existentes e colocados vigorosamente pelas massas trabalhadoras, pelos estudantes, pelos intelectuais.

Os problemas que deram origem à grande explosão de Maio subsistem. Sem a sua solução, novas grandes explosões de descontentamento são inevitáveis.

A classe operária francesa dispõe de um grande partido comunista, que se reafirma como o mais forte partido da Oposição. Conta com organizações sindicais, poderosas e experientes. O potencial revolucionário dos operários, dos estudantes, dos camponeses, dos intelectuais, não deixará de manifestar-se em novas e grandes lutas de classes.

Com objectividade, espírito crítico e autocrítico, as forças operárias e democráticas saberão tirar as lições dos acontecimentos, saberão definir as suas tarefas de harmonia com a nova situação criada, saberão unir-se, compreendendo, acima de tudo, a unidade, como a unidade das massas populares. Deste modo a política reacçãoária de De Gaulle será de novo e em breve posta em cheque e novas lutas se travarão pela satisfação das aspirações tão poderosamente manifestadas em Maio.

morreu o camarada M. Rodrigues da Silva

(continuação da pág. 1)

inteiro.

«Os trabalhadores da União Soviética conheceram-no bem— escreveu o jornal «Pravda» num artigo sobre a morte do camarada Manuel Rodrigues da Silva — Muitas vezes ele falou em numerosas cidades do nosso país. O camarada Manuel Rodrigues da Silva foi um grande e sincero amigo da União Soviética».

Foi um luminoso exemplo de comunista, de dirigente do Partido do proletariado, de homem simples, modesto, confiante e firme, de internacionalista convicto. Manuel Rodrigues da Silva, deixou de permanecer ao nosso lado na luta que travamos contra a ditadura fascista, pelo triunfo da democracia e do socialismo. Foi uma perda irreparável para a classe operária portuguesa e para o movimento comunista internacional. Mas a grandeza da sua vida frutificará nos combatentes que permanecem fiéis aos nobres ideais que o animaram, nos novos lutadores que hão-de vir fortalecer as fileiras do Partido e a luta da classe operária, pelas quais ele deu o melhor da sua existência.

Mais fundos para o Partido

Nos Estatutos do Partido estabelece-se como um dos deveres dos militantes comunistas o pagamento regular da sua cotização. Um tal dever não pode ser esquecido nem subestimado. Há camaradas que o não consideram devidamente. Corrigir uma tal deficiência é reforçar os fundos do Partido.

O pagamento da cotização é um acto revelador da consciência política de cada militante comunista, estreitamente ligado à sua actividade diária em defesa dos trabalhadores.

Quantias Recebidas dos Amigos do Partido

Abaixo a g. colonial	200\$00	Egipto Revolucionário (4)	200\$00	No bom caminho	200\$00	Tarrafal (4)	270\$00
Abaixo o fascismo	20\$00	Escritório Vermelho	300\$00	» » »	200\$00	» (5)	270\$00
Abel Salazar	200\$00	Filho de peixe	» » »	Ódio a Salazar	392\$00	Téxteis	» » »
A faíça	20\$00	sabe nadar (4)	20\$00	» » »	192\$00	Avante!	20\$00
Amig. da loja	100\$00	» » » (5)	20\$00	» » »	155\$00	Tohrez	5\$00
» quinta	50\$00	Glória a Bento Gonçalves (A)	160\$00	Operário antifascista	20\$00	Togliati	5\$00
Amigo do Partido	40\$00	Idem	10\$00	Operário	» » »	Um amigo do Partido	45\$00
» » »	18\$00	Horácio	50\$00	Uma amiga	10\$00	Uma família alentejana	» » »
Amigos do Partido	22\$50	Ilha livre	400\$00	Progressista	20\$00	(3-4-5-6-7)	500\$00
Amigos e arredores	100\$00	Imprensa Democrática (H)	50\$00	» Vermelho	20\$00	» » (8-12)	500\$00
» » »	50\$00	» (5)	50\$00	» » »	10\$00	Unidade antifascista	200\$00
Ampliar a organização	5\$00	Intelectualid. Comunista	50\$00	Operários agrícolas	150\$00	» aliá a vitór.	100\$00
Anón. Santo	50\$00	Julião	20\$00	Para os pres. políticos	21\$00	» de classe	50\$00
Armado	50\$00	Juventude da Beira-Mar	5\$00	P.C. novo farol	2.580\$00	» e acção	20\$00
Auré. Dias (5)	220\$00	Leça	20\$00	Pela brilh. vit. dos port.	100\$00	Unidade proletária	50\$00
Avante!	150\$00	Liberdade a J. Bernard.	450\$00	Pela vit. do povo africano	100\$00	Velhos camaradas	170\$00
» » »	300\$00	Liberdade e Democracia	5.000\$00	Pescadores em luta	380\$00	Vietnam heróico	1.000\$00
Beira Verm.	600\$00	Liberdade para Pires Jorge	30\$00	Pires Jorge	1.800\$00	Vitór. P/o	» » »
Bom Filho	400\$00	» » »	20\$00	Port. anifas.	50\$00	Vietnam	40\$00
Campanha da Páscoa (8)	222\$50	» » » (A)	100\$00	Rebucados	10\$00	Viva a greve d/pescadores	200\$00
Carlos Costa	500\$00	» » » (J)	250\$00	Re. dem. nac.	30\$00	a Paz	10\$00
Carpintaria comunista	900\$00	Liberdade para S. Ferreira	100\$00	K. Cervelho	500\$00	Lénine	600\$00
Chelépín (3)	100\$00	Liberlação	3.000\$00	» » »	500\$00	» o P.C.P.	» » »
Colabor. dos trabalhadores	800\$00	Luzia	40\$00	Sadov (8-9)	200\$00	(11)	4.000\$00
Colaboração (Ern)	5\$00	Luta Constru-ção Civil	1.000\$00	» (10)	100\$00	» o povo viet.	18\$00
» (Fidel)	20\$00	Méd. Amigo	1.000\$00	Sempre avante (VN)	94\$00	» Viet her.	550\$00
Colélia	4\$00	» Comunista	300\$00	Serradura	100\$00	» » »	10\$00
Defender e organizar	30\$00	» Patriota	50\$00	Serra verm. Simpatizante do P.C.P.	330\$00	» » de Maio	171\$00
Democracia Socialista	400\$00	Melo	20\$00	Solidariedade ao Vietnam	50\$00	Zito	50\$00
D. Coelho	2.000\$00	Mourinho	20\$00	Soviete do meu bairro	10\$00	4 amigos	20\$00
Dimirov	3\$00	» » »	» » »	Total	39.333\$00	3 amigos alentejanos	250\$00
D. Miranda	500\$00						

VIETNAM

Uma causa comum

Marcam passo as conversações de Paris. O imperialismo americano recusa-se criminosamente à única solução justa: cessar os bombardeamentos, pôr fim aos actos de guerra. Em Honolulu, Johnson reuniu-se com Van Thieu, o pequeno títere de Saigão, para consertar novos planos militares. Mais 4 mil soldados americanos descem em terra vietnamita para reforçar as forças armadas dos Estados Unidos, que se elevam agora a 541 mil soldados. A escalada continua. Mas o Vietnam vibra golpes demolidores no

inimigo. A sua causa é justa. É a causa da independência nacional contra os agressores americanos, contra o imperialismo. É a causa da paz. É a causa comum dos povos. É também a nossa causa.

Demos as mãos ao heróico povo do Vietnam. Combatamos por ele e com ele contra os agressores americanos, contra o imperialismo. Intensifiquemos os actos de solidariedade ao Vietnam. Reforcáremos assim a causa da paz e da independência nacional.

AS ÚLTIMAS GREVES APONTAM O CAMINHO

**OPERÁRIOS METALÚRGICOS!
CONTINUAÍ A LUTA**

**Intensifiquemos as concentrações
nos sindicatos fascistas**

POR UM VERDADEIRO AUMENTO DE SALÁRIOS

Foi recentemente assinado o Contrato Colectivo dos operários metalúrgicos.

Que benefícios trouxe este contrato aos trabalhadores? Nenhum. Ele assinala aumentos que vão de 35% até 63,6%, mas na realidade limita-se, em vários casos, a confirmar os salários já existentes e outros, a tabela estabelecida fica aquém dos salários que ganham muitos operários metalúrgicos.

Esta situação põe em risco a melhoria de salários que os trabalhadores alcançaram através das suas lutas.

Elaborando o novo contrato, o patronato e as autoridades fascistas tiveram igualmente em vista torpediar a luta que vinham a travar os metalúrgicos de Braga e do Porto, por aumento de salários e pela melhoria das condições de trabalho. Na prática, o novo contrato em nada alterou a difícil situação dos operários metalúrgicos. Daqui

resulta que a luta começada deve prosseguir, até que os trabalhadores da metalurgia vejam aumentados os seus salários de acordo com a actual subida do custo de vida.

Metalúrgicos! Realizai concentrações massivas na empresa e no Sindicato! Prossegui na luta, organizando-a à escala nacional.

Os empregados de escritório e caixeiros do distrito de Santarém lutam pela revisão total do actual contrato colectivo de trabalho, que já data de 1961. Uma comissão de trabalhadores foi nomeada pela direcção do Sindicato a fim de elaborar um Projecto do novo Contrato, o qual já foi distribuído pelos associados para ser discutido.

Pressionando a direcção do Sin-

dicato e apoiando-a na defesa dos seus interesses, os empregados de escritório e caixeiros do distrito de Santarém devem por todas as formas impedir que o novo Contrato seja apenas um contrato-burla, isto é, que se limite a consignar salários que, na sua imensa maioria, os trabalhadores já estejam recebendo.

—Decorridos já 7 meses após a última reunião da assembleia geral do Sindicato dos Motoristas de Santarém, em que fora proposta a realização de uma nova assembleia, esta não só não teve ainda lugar, como continuam por discutir e resolver os problemas que mais preocupam os motoristas: aumento de salário e novos horários.

Para a defesa intransigente dos seus interesses, os trabalhadores não podem confiar na direcção do Sindicato, agentes do patronato e do fascismo. A formação de uma comissão composta por elementos da confiança da classe, é condição indispensável para elaborar, sem demora e com o acordo de todos, uma proposta reivindicativa a apresentar no Sindicato.

Em concentrações sucessivas no Sindicato, os trabalhadores devem apoiar firmemente essa comissão.

TÊXTEIS! PROTESTAI CONTRA O NOVO ROUBO NOS VOSSOS SALÁRIOS

Para além dos baixos salários, do sistema de multas, castigos e outros roubos, os operários têxteis estão a ser vítimas de outra forma de exploração.

Muitas empresas têxteis não estão a enviar ao Sindicato o dinheiro que os trabalhadores descontam para o pagamento das cotas do Sindicato. Estas empresas estão a servir-se abusivamente do dinheiro que não é delas e acarretam com isto graves prejuízos aos trabalhadores.

Operários têxteis! Não deixeis que o patronato vos roube tão infamemente! Protestai em massa junto da gerência das empresas e junto dos Sindicatos, contra o novo roubo de que sois vítimas! Intensificai a luta por aumento de salários!

Alerta vinicultores!

Em Junho último, a imprensa diária noticiou a próxima elaboração do cadastro da vinha na Ilha da Madeira, na zona demarcada do Dão e na região moscatel de setúbal, a realizar pelas autoridades fascistas.

Em Março deste ano o «AVANTE!» alertava já os vinicultores para as consequências de uma tal medida.

«Os agentes do governo, ao mesmo tempo que querem fiscalizar o número de pés de vinha que não foram registados—afirmava o «AVANTE!»—para encontrarem um pretexto que lhes permita arrancá-los, pretendem multar todos os proprietários que tenham plantado videiras sem a respectiva licença».

Vinicultores! Organizai sem demora a vossa luta! Que nem um só pé de vinha seja arrancado.

UM CASO DE DOENÇA GRAVE

Eduardo Pires, detido há alguns anos na Fortaleza de Peniche, sofre de lesões cutâneas suspeitas de lepra.

À gravidade da situação do doente, carecido de tratamento específico urgente, no caso de lepra, junta-se a não menor gravidade da sua permanência em comum com os outros presos e os gravíssimos perigos de contágio a que estão expostos.

Aos tenebrosos desígnios dos carrascos do regime, opunhamos uma enérgica e pronta acção em defesa da vida de Eduardo Pires e dos presos políticos. Exijamos o internamento imediato, em hospital adequado, de Eduardo Pires.

Novas lutas e vitórias dos estudantes de Lisboa

—Após as greves vitoriosas dos estudantes do Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras, de Lisboa, e da Faculdade de Economia, do Porto, noticiadas em números anteriores do «Avante!», os estudantes de 2 turmas do 2º ano do Instituto Industrial de Lisboa recoreram igualmente a esta forma de luta, fazendo greve às aulas de Desenho e de Máquinas. Protestavam assim contra os métodos antipedagógicos do professor desta cadeira que punham gravemente em risco o aproveitamento escolar dos alunos.

Intransigentes nas suas justas posições e indiferentes às pressões do Director, os estudantes em luta constituíram um vigoroso estímulo para os restantes colegas que acabaram por seguir-lhes o exemplo de combatividade. Uma importante vitória foi alcançada: após várias iniciativas dos estudantes, a Direcção Geral do Ensino Médio foi forçada a decidir que a matéria para os exames seria unicamente aquela que fosse dada a partir de Maio!

—Mantem-se a vigilância estudantil ante as sucessivas manobras do director visando o aniquilamento da Associação dos Estudantes. Ele pretendia obrigar a Associação a pagar a luz eléctrica dispendida nas suas instalações, o que provocou indignação e protesto gerais. Ao enfrentar uma concentração de 300 estudantes, o director procurou escudar-se com o cínico argumento de que a direcção do Instituto lutava com falta de verbas porque «o dinheiro ia todo para a guerra colonial!».

Era uma desesperada tentativa para conquistar a «colaboração» dos estudantes. Apelos e ameaças, como último recurso, redundaram em fracasso. Os estudantes só se retiraram quando obtiveram a garantia de que a falta de verba para o Instituto não seria preenchida à sua custa.

—No Instituto Comercial de Lisboa, graças à participação activa e criadora das massas estudantis, a luta pelos direitos associativos toma formas variadas e originais.

Desde os comentários jocosos apostos nas ordens de serviço emanadas do Centro de Actividades Circum-Ecolares (criado após a extinção da Associação de Estudantes e dominado pela M.P.) até às inscrições reivindicativas, os estudantes reclamam eleições, denunciam «bufos», ridicularizam a nula actividade do Centro.

Numa lista assinada por 150 estudantes e afixada no bar, apiam 4 antigos colaboradores do Centro da M.P. que se propõem «trabalhar com e para os alunos» denunciando a ausência de princípios democráticos naquele Centro.

Lutando pela conquista dos seus direitos associativos, os estudantes prosseguem e intensificam a luta pelos seus interesses imediatos: num abaixo-assinado com 600 assinaturas, protestam contra o preço das folhas e exigem a sua redução no C.A. C.E.; noutro abaixo-assinado com 400 assinaturas, protestam contra a extorsão arbitrária de 30\$00 suplementares nas 2as chamadas.

Solidarizando-se activamente com os seus colegas de Ciências em luta contra a Comissão Administrativa na sua Associação, os estudantes do I.C.L. deram provas de alto espírito associativo, conscientes de que a luta contra a ingerência govern-

mental na actividade estudantil deverá travar-se simultaneamente, tanto no plano interno como no plano externo.

A experiência confirma o que o Partido Comunista Português tem repetidas vezes afirmado, nomeadamente no documento emanado do Comité Central em Outubro de 1967 e intitulado «Movimento Estudantil (Problemas de Actualidade e Tarefas Imediatas)»: «A acção unida das massas estudantis—diz-se naquele documento—está na raiz da força e expansão do movimento. Só a participação intensiva, viva, confiante e entusiasta das massas estudantis em todas as actividades associativas pode assegurar a sua continuidade e o seu progresso».

O grau de desenvolvimento das lutas estudantis e os resultados vitoriosos alcançados são disso uma nova prova incontestável.

Trabalhadores dos Transportes Colectivos do Porto!

Intensificai a luta por aumento de salários!

O desnível entre os salários dos trabalhadores da Carris de Lisboa e dos transportes colectivos do Porto tem um aspecto mais gritante do que nunca. É necessário organizar melhor a luta, promover grandes concentrações junto do Sindicato e da administração, para que esse desnível desapareça de vez. Para que as promessas da administração, da igualdade de salários de Lisboa e Porto, seja finalmente cumprida. Segui o exemplo dos trabalhadores da Carris de Lisboa!

**PORTUGAL DEVE ABANDONAR
O PACTO DO ATLÂNTICO**

As últimas homenagens na União Soviética AO CAMARADA MANUEL RODRIGUES DA SILVA

Em câmara ardente no Instituto de Marxismo-Leninismo

O Partido Comunista da União Soviética, os Sindicatos, os Jovens, o Povo Soviético, os representantes de muitos Partidos irmãos, prestaram ao camarada Manuel Rodrigues da Silva, juntamente com os comunistas portugueses, a sua sentida e última homenagem.

Rêcobrindo completamente a urna, exposta no Instituto do Marxismo-Leninismo, coroas de flores ali depositas por numerosas delegações exprimiam os sentimentos de homenagem do Partido Comunista Português, do Partido Comunista da União Soviética, do Conselho Central dos Sindicatos Soviéticos, da Juventude, dos Pioneiros, do Instituto de Ciências Sociais, do Partido Comunista de Espanha.

Na fita vermelha da coroa do nosso Partido, lia-se a inscrição: «Do Comité Central do Partido Comunista Português, em nome de todos os membros do Partido, da classe operária e do Povo de Portugal».

A guarda de honra ao corpo de Manuel Rodrigues da Silva foi montada por sucessivas delegações, do Partido Comunista Português, com o seu secretário geral, camarada Álvaro Cunhal, de representantes do Partido Comunista da União Soviética, dos Sindicatos, da Juventude, dos Pioneiros, dos trabalhadores das fábricas de Moscovo, de muitos camaradas, representantes de numerosos Partidos irmãos.

Manuel Rodrigues da Silva, herói do povo português, repousa no cemitério de Moscovo onde se encontram igualmente os restos mortais de muitos heróis da Revolução de Outubro. No momento solene em que a terra soviética se abria para acolher no seu seio aquele que tanto soube amá-la, ouviram-se os acordes da Internacional, expressiva homenagem prestada ao combatente que fez da sua vida um acto de devotamento à causa da classe operária.

DOS PIONEIROS DE MOSCOVO

Camaradas portuguesas! A morte do camarada Manuel Rodrigues da Silva não é apenas uma pesada perda para vós. Hoje estão de luto, todo o povo soviético, os comunistas, a juventude comunista e os pioneiros da União Soviética.

Nós perdemos um grande e verdadeiro amigo, um homem cujo coração bateu até ao último momento com um único fim: a libertação da classe operária de Portugal.

MENSAGENS DE CONDOLÊNCIAS

DE VÁRIOS PARTIDOS COMUNISTAS E OPERÁRIOS

Do Comité Central do Partido Comunista da União Soviética

Com profunda dor tomámos conhecimento da morte prematura do camarada Manuel Rodrigues da Silva, secretário do Comité Central do Partido Comunista Português.

O camarada Manuel Rodrigues da Silva, um dos mais antigos membros do Partido Comunista Português, dedicou toda a sua vida à luta pelos interesses vitais do povo trabalhador de Portugal, dando uma importante contribuição à causa do seu fortalecimento ideológico e organizador, ao desenvolvimento da luta contra a ditadura fascista e ao fortalecimento da unidade de acção da classe operária com todas as forças democráticas antifascistas do país.

O camarada Manuel Rodrigues da Silva lutou incansavelmente pelo triunfo dos

princípios do internacionalismo proletário, pela coesão do movimento comunista e operário mundial na base dos ensinamentos do marxismo-leninismo, pela paz, pela democracia e o socialismo no mundo inteiro.

Os soviéticos conheceram bem o camarada Manuel Rodrigues da Silva como um amigo sincero do nosso país, como um adepto convicto do desenvolvimento das relações fraternais entre o Partido Comunista Português e o Partido Comunista da União Soviética.

A memória luminosa do camarada Manuel Rodrigues da Silva, comunista corajoso e firme, patriota ardente e internacionalista convicto, permanecerá para sempre nos nossos corações.

Do Comité Central do Partido Socialista Unificado da Alemanha

Transmitimo-vos as nossas profundas condolências pela morte prematura do secretário do Comité Central do Partido Comunista Português, camarada Manuel Rodrigues da Silva.

Com a morte de Manuel Rodrigues da Silva a classe operária portuguesa e o Movimento Comunista Internacional perderam um ardente lutador que dedicou toda a

sua vida à grande causa da luta pela libertação da Humanidade da exploração e do jugo do capital, à causa da luta pela Paz, pela Democracia e pelo Socialismo.

O Presidente do Comité Central do Partido Socialista Unificado da Alemanha, WALTER ULBRICHT.

Do Comité Central do Partido Comunista Romeno

O Comité Central do Partido Comunista Romeno manifesta-vos as suas sinceras condolências pela morte do camarada Manuel Rodrigues da Silva.

Manuel Rodrigues da Silva, secretário do vosso Partido e destacado militante do movimento comunista e operário português.

Do Comité Central do Partido Comunista da Checoslováquia

Dolorosamente surpreendidos pela notícia da morte do dirigente do vosso Partido, Manuel Rodrigues da Silva, transmitimo-vos as nossas condolências mais profundas. Guardaremos para sempre na memória

Manuel Rodrigues da Silva, como um grande militante do Partido Comunista Português, um devotado combatente contra a ditadura salazarista e um grande amigo do nosso país.

DO COMITÉ EXECUTIVO DO PARTIDO COMUNISTA DA IRLANDA

O secretário geral, enviou a seguinte mensagem.

Foi com grande mágoa que tomámos conhecimento da morte do camarada Manuel Rodrigues da Silva, secretário do vosso Partido que há muitos anos lutou em condições terríveis.

No decurso dessa luta tivemos a honra de encontrar o camarada Manuel Rodrigues da Silva. Manifestamo-vos a nossa simpatia e acompanhamo-vos na vossa grande perda.

Que viva eternamente a sua memória.

DO BURAU POLÍTICO DO PARTIDO COMUNISTA DA BÉLGICA

Manifestamos as nossas profundas condolências aos nossos camaradas comunistas portugueses pela morte do secretário do Comité Central do Partido Comunista Português, Manuel Rodrigues da

Silva. Inclinamo-nos ante a memória do heróico lutador pela causa da classe operária, cuja vida será para todos nós um grande exemplo.

do secretário geral do P.C. da Venezuela

Camarada Jesus Faria

Fomos hoje surpreendidos com a dolorosa notícia da morte repentina do querido camarada Manuel Rodrigues da Silva, dirigente e herói do Partido Comunista Português.

Quero manifestar-vos nesta mensagem a nossa mais sentida expressão de fraternais condolências tanto ao Partido Comunista Português, como aos parentes, amigos e camaradas mais próximos do camarada desaparecido. Hoje mesmo, dirigi-me ao Comité Central do Partido Comunista da Venezuela, na clandestinidade, para lhe dar conhecimento de tão triste acontecimento para as fileiras do movimento comunista internacional e de pesar para o Partido Comunista Português que combate há muitas dezenas de anos contra a tirania de Salazar.

Recebam, queridos camaradas, em meu próprio nome no de todos os comunistas da Venezuela, os nossos sentimentos de carinho, de camaradagem e de solidariedade nesta hora de profunda mágoa para a classe operária e o povo de Portugal.

DA FRENTE PATRIÓTICA DE LIBERTAÇÃO NACIONAL

A Frente Patriótica enviou ao Comité Central do Partido Comunista Português a seguinte mensagem:

Manifestamos as nossas mais profundas condolências à direcção e aos membros do Partido Comunista Português pela morte de Manuel Rodrigues da Silva, membro do secretariado do Comité Central do Partido Comunista Português.

Manuel Rodrigues da Silva que passou 23 anos nas prisões de Salazar e que dedicou toda a sua vida à causa sagrada dos trabalhadores e do povo de Portugal, incessantemente lutou pela unidade, pela cooperação de todos os democratas e patriotas portugueses na luta pela libertação da nossa Pátria da tirania fascista, merece todo o reconhecimento e respeito do nosso povo.

O exemplo de Manuel Rodrigues da Silva, heróico dirigente da luta popular, está sempre presente na nossa luta e estará presente na vitória do povo português.

dos Pioneiros de uma escola de Moscovo

Guardaremos para sempre a carta que há dias tínhamos recebido do camarada Manuel. O camarada Manuel será sempre um exemplo para todos os pioneiros soviéticos.